

EDITORIAL

Saúde: o campo da coletividade

Lisiane Tuon¹

Rafael Zaneripe de Souza Nunes²

¹ Doutora em Medicina e Ciências da Saúde - Universidade do Extremo Sul Catarinense

² Especialista em Saúde Coletiva – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Definir o *locus* de atuação dos profissionais da saúde muitas vezes é um desafio, visto à corrente hegemônica das fragmentações teórico-técnicas existentes por muito tempo nas universidades. Durante anos o desenvolvimento profissional alicerçou-se nas práticas clínicas e individualistas, pautadas nas especialidades e na segmentação por áreas. Nesse sentido, pensar em área nos remete a pontos específicos dos saberes, circunscritos em um universo bem delimitado, no qual há limites claros de seu início e fim; estas são as especialidades. De outro modo, aparentemente abstrato, há o conceito de campo, que repousa a ideia de uma vastidão conceitual, onde os saberes se entrecruzam, sinergicamente se impulsionam e até mesmo se misturam; nessa definição, encontramos a saúde coletiva.

Define-se saúde coletiva como campo não por um mero acaso, mas por abrangência e flexibilidade, visto o escopo colossal de seus saberes. Nesse campo quando as áreas se encontram, perde-se a noção clara dos limites das especialidades e as práticas deixam de fixar-se em aspectos protocolares de atuação e contato, acabando por mergulhar na vastidão que é o universo humano, do vivo, da cultura, das ruas, dos bairros, do território, da família e do vínculo. É na imersão do campo que a aparente abstração começa a fazer



sentido, e compreende-se que a saúde deixa de ser “um” para tornar-se “nós”, tornar-se verdadeiramente coletiva. Não se fala de saúde como saúde das partes, mas saúde do todo.

No campo as partes se tornam conjuntas, profissionais complementam-se em suas áreas, usuários são vistos como sujeitos ativos, o território é contemplado como um ente vivo na comunidade, e na convergência destes elementos, produz-se saúde, saúde esta, coletiva. A mensagem que se busca trazer é a integração. Os tempos de luta e polarização não devem fragmentar o campo que nasceu para ser unido; a saúde que nascera para ser coletiva. A integração faz parte de um chamado maior, da união pela ciência, pela vida, e pelo maior símbolo dos profissionais pertencentes ao campo da saúde coletiva, o nosso Sistema Único de Saúde.

Partindo desta reflexão, abrimos a nova edição da Revista Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva da UNESC, que tem como intuito divulgar os trabalhos apresentados no I Simpósio de Saúde Coletiva, organizados na própria Universidade através do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSCOL), Núcleo de Saúde Coletiva e dos programas institucionais de Residência Multiprofissional. Os trabalhos aqui presentes estão estruturados em formato de resumos breves, ancorados na temática da Saúde Coletiva e separados em 4 (quatro) seções temáticas distintas: Relato de Experiência de Ensino; Relato de Experiência em Cenário de Prática; Resultados de Extensão e Resultado de Pesquisa. Ademais, esperamos que os trabalhos aqui expostos possam contribuir no fortalecimento de práticas inovadoras na saúde pública brasileira, e desejamos a todos que estão tendo acesso a esta nova edição uma ótima leitura.

